

Efeitos do padecimento na subjetividade dos retirantes na obra literária: “Vidas Secas” de Graciliano Ramos

Effects of the suffering subjectivity of retreatants in "dry lives", by Graciliano Ramos

Magda Medianeira de Mello

Natacha H. de Oliveira Becker

Resumo

O presente artigo pretende abordar os efeitos do padecimento na subjetividade dos retirantes através de análise da obra literária *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. A dor de não ter lugar no mundo, pela migração dos povos de origem, coloca em cena a situação insuportável de angústia e de perda da identidade. Conforme Michel Henry, a vida foi dada a todos, independente do lugar. A essência do ser não é geográfica e sim humana. Os “sem lugar” são pessoas cujos destinos são movidos a *pathos*, no sentido de assujeitamento. A falta de esperança pelo atravessamento do desamparo, conforme a abordagem psicanalítica, remete ao desalojamento do ser. A obra literária de Graciliano Ramos será utilizada no intuito de aproximar o tema da atualidade ao enredo em si.

Palavras-chave: Padecimento. Retirante. Subjetividade.

Abstract

This article aims to address the effects of the suffering in the subjectivity of migrants through the literary work *Dry Lives*, by Graciliano Ramos. The pain of having no place in the world, caused by the migration from their place of origin, puts into play the unbearable situation of anguish and loss of identity. As Michel Henry states, life was given to all, regardless of place. The essence of being is not geographical but human. The "no place" people are people whose destinations are moved by pathos, by subjection. The lack of hope for the helplessness, through the psychoanalytic approach, refers to the displacement of being. The literary work of Graciliano Ramos will be used in order to connect the theme of today to the plot itself.

Keywords: Subjectivity. Suffering. Withdrawing.

Considerações Iniciais

Este estudo procura aproximar a obra literária *Vidas Secas* do autor brasileiro Graciliano Ramos com o tema do desamparo dos personagens retirantes que vagam durante

a seca caracterizada pela aridez do sertão nordestino. As incertezas produzidas pelas condições de trabalho, miséria, a fome e a falta de esperanças retratam a vida real de pessoas que andam no mundo em busca de um lugar ao sol.

O sofrimento dos personagens: Fabiano, Sinhá Vitória, dois filhos, a cachorra Baleia, a qual sente e pensa como gente, colocam em cena uma dura realidade: dores inominadas pelos retirantes por existirem levados pelo destino de não ter lugar e nem identidade. Oprimido e impotente, marcado pela dura realidade da existência.

A fatalidade e a provisoriedade¹ anunciam categorias evidenciadas na obra e enlaçadas com o tema do êxodo. A consciência dessa situação “imutável” coloca os migrantes em constante retirada do seu lugar, sem propriedade nem desejos. Os migrantes são levados pelo que eles acreditam ser o destino. Trata-se de uma condição de assujeitamento motivado pelo descaso para com o ser humano.

O que motiva a migração é a busca de condições melhores de vida dos que vivem um fenômeno de condições adversas e precárias de sobrevivência. Neste caso, a seca motiva as retiradas. Faltam condições e trabalho. A luta pela vida torna-se um desafio.

A seca era interna também: sem recursos os retirantes não têm saída e vivem atormentados na sua aridez psíquica, imersos no sofrimento. O sentimento de desamparo que acompanha os retirantes remete a um estado do lactente que depende inteiramente do outro para satisfação de suas necessidades. Discorre de uma situação de perigo inevitável vivido pelo ser humano pela sua imaturidade neonatal. É considerado protótipo da situação traumática geradora de angústia, na qual o sujeito não é capaz de dominar as excitações e é emerso por elas².

Assim vivem nossos personagens representantes de um fenômeno político internacional, atualizado na contemporaneidade: a etnicidade. O que na obra literária de Graciliano Ramos se apresenta como uma situação regional; no mundo, a dimensão é múltipla e volumosa.

Tomando algumas ideias da fenomenologia, o sofrimento físico, psíquico ou social é compreendido como resultado de uma contradição entre o vínculo primário dos indivíduos à

¹ RODRIGUES, Elisabete Alfeld; JOSÉ, Carmen Lucia. Histórias de retirantes: ruínas literárias no cinema. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/288/285>.

² MACEDO, Kátia Barbosa. **O trabalho com o desamparo e o trauma na clínica psicanalítica**. Rev. Educamazônia- Educação, sociedade e meio ambiente. Ano 7; Vol. XIII, n. 2, 185-202, 2014.

vida e às condições mundanas de autorrealização da existência. O sofrer poderá ser constitutivo e fazer com que o ser se experimente diante do que encontra no mundo. Assim, a questão que se coloca é: se o autoexperienciar é um sofrer que não cessa e se converte à vida, de que forma o ser humano buscará a saída? Terá forças para encontrar a inventividade necessária³?

O sofrimento faz parte do existir. A vida foi dada a todos independente do lugar geográfico onde vivem. Humano é viver. A vida vem como *pathos* – essa mistura de passibilidade e paixão de viver. Sofremos a vida porque ela nos é “forçada”. Essa é uma experiência própria dos retirantes – as exigências de se manterem vivos são tidas como sofrimento, como *pathos*.

As aproximações entre a Fenomenologia da Vida e a obra de Graciliano

As aproximações tecem o caminho do sofrer e do sentir descrito de forma “seca”, conforme a aridez da vida nos personagens de Graciliano Ramos e a fenomenologia de Michel Henry, que aponta para os desenlaces da vida distante dos enquadres da ciência em relação à psicopatologia. Na afetividade ocorre o indomado, o perturbador que surge à revelia do estabelecido pelas organizações representacionais identitárias⁴.

Segundo Karin Wondracek (2012)⁵, a vida chega e nos afeta, doando-se como afeto. A dimensão afetiva é vista como constitutiva originária do ser humano. Estando doente o afeto, como no caso da depressão, é preciso buscar a dimensão na qual o afeto deve ser tratado. Desta forma, sua contribuição pode fundamentar recursos terapêuticos para a transformação do sofrimento em outros afetos.

Assim, da expressão: “esta dor é minha dor” se chega a “esta é minha vida”, da qual o sujeito não pode se livrar e entra em desespero. O não poder se livrar da dor leva ao desespero e aí se chega ao que Henry denomina *pathos*. No entanto, este poderá ser começo da modalização. Aqui, poderá haver uma transformação do padecer em fruição da

³ GÉLY, Raphael. Sofrimento e atenção social à vida – elementos para uma fenomenologia radical do cuidado. In: Antúnez/Ferreira e Martins (org). Fenomenologia da vida de Michel Henry. São Paulo: Escuta, 2014.

⁴ SAFRA, Gilberto. Refundando a situação clínica: diálogos entre Guimarães Rosa e Michel Henry. Diaphora | Porto Alegre, v15(1) | Jan/Jul2015 | p. 19-24.

⁵ WONDRAECK, Karin. Jornada de um afeto em busca de seus fios. In: Wondracek, Karin; HOCH, Lothar; HEIMANN, Thomas (Orgs.). Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2012. p. 93-104.

vida⁶. A melancolia e a depressão poderão colocar em movimento a superação do estado de sofrimento. Ao aderir a experiência de dor, possibilita-se encontrar a saída pela inventividade e transformar o sofrimento sem ficar paralisado diante dele.

De acordo com Wondracek (2012) o sujeito que se movimenta para dentro do corpo, e como Henry diria, para dentro da carne, até um núcleo do puro afetar, do jorrar da vida, poderá se revigorar para a vida a partir da experiência de sofrimento.

Os retirantes de Vidas Secas poderiam modalizar no sentido da fenomenologia. A partir da experiência de sofrimento, poderiam entrar em contato com o núcleo do puro afetar e transformarem-se para a vida.

Deslizamentos do assujeitamento: *Pathos* em questão

A catinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano, seria o vaqueiro daquela fazenda morta. Chocalhos de badalos de ossos animariam a solidão. Os meninos, gordos, vermelhos, brincariam no chiqueiro das cabras, sinhá Vitória vestiria saias de ramagens vistosas. As vacas povoariam o curral. E a catinga ficaria toda verde⁷.

O imaginário do personagem fabrica os sonhos do amanhã. A tentativa de não secar o afeto em Vidas Secas é constante. A inventividade move o ser humano a buscar a descarga pulsional desde sua experiência e recursos internos e externos a seu alcance. A destrutividade ronda a família diante da opressão, porém a realidade segue firme na crueza.

O imaginário para Henry seria uma forma de modalização – na qual se concebem filhos nascidos na vida, com direito à fruição. Mais para a ilusão winnciottiana do que para o princípio da realidade freudiano, a imaginação dá pistas de que eles não se sentem indignos de habitar um chão verde e ter vidas boas. Há algo que insiste em viver e desejar, em continuar vivo a despeito de toda aridez. A Vida continua a dar-se a eles, e mesmo que isso produza dores, também gera sonhos de felicidade.

Repassando o sentido da psicopatologia chegamos a *pathos*, o que significa excesso, paixão, passividade, sofrimento, assujeitamento, patológico; Psicopatologia seria então um discurso, um saber sobre a paixão (*pathos*) da alma (psique). Ou seja, um discurso psíquico sobre o padecer e as paixões.

⁶ WONDRAECK, 2012.

⁷ RAMOS, Graciliano. Vidas Secas. Rio de Janeiro: Record, 127. ed., 2015, p.15.

As paixões atestam nossa permanente dependência do outro. Esse pensamento da época de Platão nos diz que o sujeito acometido de paixão, o paciente, o passivo, o portador de sofrimento psíquico, é aquele que padece de algo cuja origem desconhece e que o leva a reagir, na maioria das vezes, de forma imprevista.

De acordo Paulo Roberto Ceccarelli (2005)⁸, a psicopatologia cujo campo conceitual é a psicanálise trata de resgatar o *pathos*, como paixão, escutar o sujeito que traz uma voz única a respeito de si, transformando aquilo que causa sofrimento em experiência e em ensinamento interno. O sintoma diz algo do sujeito, da sua subjetividade. Sem dúvida nossa escuta é determinada pelo modelo que elegemos, aqui psicanalítico. Em Freud, descobrimos o inconsciente e suas produções atemporais.

Impedidos de ver a realidade crua que os cerca, nossos retirantes da obra literária de Graciliano Ramos estão passivos frente à vida sofrida, permanecendo na seca como se não existisse outro lugar. Numa tentativa de alterar a realidade por conta da dor, imaginam que o próprio clima poderia modificar como numa magia. A falta de atenção política e social na época remete aos dias atuais.

Quem cuida dos nossos povos migrantes dentro da miséria humana que habitam? Quais os efeitos da etnicidade na atual situação da civilização? A perda das identidades e o borramento da individualidade colocam em cena uma situação caótica da contemporaneidade. Como cuidar de si e conectar-se ao sofrimento, se a luta dos retirantes refletida na obra literária é por sobrevivência? A massificação dos movimentos de retirar de regiões ou países esbarra numa questão ética e de cidadania.

Vidas Secas – Vida e Morte: o desamparo

Os efeitos do traumático, entendidos como excesso no psiquismo dos seres humanos que sobrevivem à intensa dor psíquica decorrente de situações como a dos retirantes de Vidas Secas, remete ao tema do desamparo.

O desamparo é uma vivência dos estados de angústia. Para Freud, é um dos resultados possíveis pela transformação da libido liberada com o recalque. Sendo assim, a angústia é o fruto do recalque. Mais tarde, passou a considerar o ego como sede da angústia. A partir dessa concepção, considerou que, quando a pessoa se defronta com

⁸ CECCARELLI, Paulo Roberto. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. In: Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

situações de perigo, libera intencionalmente a angústia sinal. O desamparo estaria ligado à falta de garantias do sujeito sobre seu existir e sobre seu futuro. Sendo assim, ele seria obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver na sociedade moderna. No entanto, o sujeito pós-moderno sofre mais em função da insegurança do que pela renúncia. Usufriui de maior liberdade para gozar seus desejos; porém, encontra-se desorientado sem referenciais sólidos⁹.

O desamparo é assunto de todos os tempos, considerando a atemporalidade do inconsciente. Na obra literária de Graciliano Ramos, nossos personagens vivem o desamparo como destino sem se dar conta de que poderiam mudar.

Considerações Finais

O objetivo do trabalho foi poder aproximar a obra literária de Graciliano Ramos a algumas ideias de Michel Henry, no que diz respeito ao sofrimento e desamparo humanos.

Entendemos que a saída para nossos personagens retirantes seja pela via da modalização em Michel Henry. Isso significa poder transformar a depressão proveniente do estado de desamparo no qual estão imersos em um mergulho para a vida. Tomar contato com o sofrimento aponta para a transformação do sentimento.

No pensamento psicanalítico, a energia desligada, sem representações, trabalha silenciosamente a favor da destruição. Manifesta-se como compulsão à repetição – é efeito da pulsão de morte. Em literatura, as forças de Eros e Tanathos estão presentes na criação de cenários, dos personagens, das imagens, dos enredos e das palavras¹⁰.

A questão que se interpõe é se nossos personagens teriam como entrar num processo de cura, de representação sem a ajuda do outro. Apropriar-se de si, da sua situação e do desejo de mudança seria um começo. No entanto, sabemos que o outro faz a intermediação entre o sujeito e o mundo.

O desamparo e o terror nas ameaças veladas que circulam no enredo de Vida Secas transmitem dupla mensagem confusional, colidindo com as fantasias e o pensamento mágico através dos personagens. Essa obra literária revela um plano latente da leitura e outro manifesto, o qual retrata a mais dura realidade dos retirantes diante da seca. Esta é

⁹ MELLO, Magda. Revista Eletrônica Darandina. Aspectos tanáticos no Conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: retratos da violência. <http://www.ufjf.br/darandina/files/2016/05/Artigo-Magda-Medianeira-de-Mello.pdf>.

¹⁰ MELLO, 2016.

descrita por Graciliano Ramos como um sinal da paralisação do sujeito e do desejo. Se, por um lado, vemos descrita a realidade; por outro, os personagens se distanciam da dor e vão vivendo como quem anda rumo afora sem pensar e tampouco entrar em contato com o sofrimento no qual estão imersos. Esse contexto lesado na estima interrompe a criação e a circulação da vida, interferindo em ideais e projetos. Fazer e pensar implica entrar em contato com o medo e a dor¹¹. Por outro lado, sem a introspecção, seria impossível a modalização.

Referências

GÉLY, Raphael. Sofrimento e atenção social à vida – elementos para uma fenomenologia radical do cuidado. In: Antúnez/Ferreira e Martins (org). *Fenomenologia da vida de Michel Henry*. São Paulo: Escuta, 2014.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. Rio de Janeiro: Record, 127. Ed., 2015.

WONDRACEK, Karin. Jornada de um afeto em busca de seus fios. In: Wondracek, Karin; HOCH, Lothar; HEIMANN, Thomas (Orgs.). *Sombras da alma: Tramas e tempos da depressão*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2012. p. 93-104.

Artigos em Periódicos:

CECCARELLI, Paulo Roberto. O sofrimento psíquico na perspectiva da psicopatologia fundamental. In: *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 10, n. 3, p. 471-477, set./dez. 2005.

MACEDO, Kátia Barbosa. O trabalho com o desamparo e o trauma na clínica psicanalítica. *Rev. Educamazônia- Educação, sociedade e meio ambiente*. Ano 7; Vol. XIII, n. 2, 185-202, 2014.

MELLO, Magda. Aspectos tanáticos no Conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: retratos da violência. *Revista Eletrônica Darandina*. <http://www.ufjf.br/darandina/files/2016/05/Artigo-Magda-Medianeira-de-Mello.pdf>.

RODRIGUES, Elisabete Alfeld; JOSÉ, Carmen Lucia. Histórias de retirantes: ruínas literárias no cinema. *Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, jan/jun de 2009. Disponível em: <http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/288/285>.

SAFRA, Gilberto. Refundando a situação clínica: diálogos entre Guimarães Rosa e Michel Henry. *Diaphora* | Porto Alegre, v15(1) | Jan/Jul2015 | p. 19-24.

¹¹ MELLO, 2016.